

JORGE
BERGOGLIO
ABRAHAM SKORKA

SOBRE O CÉU
E A TERRA

Tradução
SANDRA MARTHA DOLINSKY

PA
RA
LE
R

© 2010, Cardenal Jorge Mario Bergoglio
© 2010, Rabino Abraham Skorka
© 2010, Random House Mondadori, S.A.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Sobre el cielo y la tierra
RESPONSÁVEL PELA EDIÇÃO Diego F. Rosemberg
CAPA © Random House Mondadori
PREPARAÇÃO Tulio Kawata
REVISÃO TÉCNICA Marcelo Musa Cavallari
REVISÃO Juliane Kaori e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Francisco, Papa, 1936-

Sobre o céu e a terra / Jorge Bergoglio, Abraham Skorka ; tradução Sandra Martha Dolinsky. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2013.

Título original: Sobre el cielo y la tierra.
ISBN 978-85-65530-31-6

1. Cristianismo e política 2. Igreja e problemas sociais — Argentina 3. Igreja e problemas sociais — Igreja Católica 4. Judaísmo — Doutrinas 5. Judaísmo e política 6. Judaísmo e problemas sociais 7. Teologia I. Skorka, Abraham, 1950-. II. Título.

13-03558

CDD-261.2

Índice para catálogo sistemático:

I. Diálogo inter-religioso : Teologia social 261.2

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparela.com.br
atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

Sumário

O diálogo como experiência, <i>por Abraham Skorka</i>	7
O frontispício como espelho, <i>por Jorge Bergoglio</i>	11
1. Sobre Deus.....	15
2. Sobre o Diabo	19
3. Sobre os ateus	23
4. Sobre as religiões.....	27
5. Sobre os líderes religiosos	35
6. Sobre os discípulos	45
7. Sobre a oração	53
8. Sobre a culpa	61
9. Sobre o fundamentalismo	65
10. Sobre a morte	71
11. Sobre a eutanásia	81

12. Sobre os idosos	85
13. Sobre a mulher	89
14. Sobre o aborto	93
15. Sobre o divórcio	95
16. Sobre o casamento de pessoas do mesmo sexo	97
17. Sobre a ciência	103
18. Sobre a educação	107
19. Sobre a política e o poder	111
20. Sobre o comunismo e o capitalismo	123
21. Sobre a globalização	127
22. Sobre o dinheiro	129
23. Sobre a pobreza	133
24. Sobre o Holocausto	141
25. Sobre os anos 1970	151
26. Sobre alguns fatos da história: a Conquista, o socialismo e o peronismo	157
27. Sobre o conflito árabe-israelense e outros conflitos	165
28. Sobre o diálogo inter-religioso	171
29. Sobre o futuro das religiões	175
Notas	185

O diálogo como experiência

por Abraham Skorka

“Deus os abençoou e lhes disse...”¹ É o primeiro testemunho de um diálogo que encontramos na Bíblia. Nesse sentido, a única criatura à qual se dirige o Criador é o ser humano. Do mesmo relato do Gênesis extrai-se que o indivíduo se caracteriza por sua especial capacidade de se relacionar com a natureza, com o próximo, consigo mesmo e com Deus.

Esses vínculos que o homem cria não configuram, certamente, compartimentos fechados e independentes uns dos outros. A relação com a natureza nasce de sua observação e da elaboração íntima do observado; a relação com o próximo nasce das paixões e das experiências vividas; a com Deus, das profundezas do ser, nutrida por todas as anteriores e como consequência do diálogo consigo mesmo.

O verdadeiro diálogo exige que se conheça e entenda o interlocutor, e marca a essência da existência do homem pensante; como expressa — a sua maneira — Ernesto Sabato no prólogo de *Uno y el universo*:² “Embarcamos rumo a terras distantes, ou buscamos o conhecimento de homens, ou questionamos a natureza, ou buscamos a Deus; depois, notamos que o fantasma perseguido éramos Nós mesmos”.

No diálogo com o próximo, as palavras são meros veículos de comunicação cujo sentido nem sempre é igual, em certos aspectos, mesmo para todos os membros de uma sociedade que falam o mesmo idioma. Existem matizes próprios que cada um dá a muitos dos vocábulos que formam o acervo idiomático. O diálogo demanda, para seus atores, descobrir-se mutuamente.

“A lâmpada de Deus é o espírito do homem, a qual esquadrinha o mais íntimo do corpo.”³ Dialogar, em seu sentido mais profundo, é aproximar a alma de um à do outro, a fim de revelar e iluminar seu interior.

No momento em que se alcança tal dimensão dialogal, damos-nos conta das similaridades que compartilhamos com o outro. As mesmas problemáticas existenciais, com suas demandas e múltiplas resoluções. A alma de um se reflete na do outro. O sopro divino que ambos possuem sabe, então, unir-se para configurar junto a ele uma amarra que jamais fraquejará, como está dito: “a corda tripla não se rompe facilmente”.⁴

Muitos foram os momentos que serviram de aproximação e conhecimento entre o cardeal Bergoglio e eu, e que pavimentaram uma longa série de encontros com diferentes características e circunstâncias.

Certo dia, marcamos um lugar e uma data simplesmente para nos sentarmos para conversar. O tema era a vida em si, em suas múltiplas facetas: a sociedade argentina, a problemática mundial, as expressões de vileza e grandeza que presenciávamos ao nosso redor. Dialogar na mais absoluta intimidade, salvo a presença Dele, que, embora não O citássemos assiduamente — e era necessário? —, sentíamos sempre presente.

Os encontros foram se repetindo, cada um com seus próprios temas. Certa vez, a conversa foi marcada em meu escritório na comunidade e comentei com ele sobre certos documentos emoldurados que enfeitam as paredes da sala. Detive-me em umas folhas manuscritas de um famoso pensador, o rabino Abraham Joshua Heschel, e em outros textos. Contudo, meu amigo se deteve na mensagem de sau-

dação, que se encontrava pendurada junto à de Heschel, que ele havia pronunciado na sinagoga havia alguns anos, por ocasião do início da liturgia do Ano-Novo judaico. Enquanto eu ajeitava algumas coisas do sempre bagunçado ambiente, observei-o parado em frente àquelas páginas assinadas e datadas por ele.

A curiosidade me reteve. Que teria passado por sua mente naquele momento? O que esse gesto tinha de peculiar, além de ser o ato de cuidar e expor um documento que considero um testemunho valioso do que faz o diálogo inter-religioso em nosso meio? Não lhe perguntei. Certos silêncios, às vezes, guardam em si um gosto de resposta.

Passado um tempo, marcamos nossa reunião no escritório dele, na arquidiocese. A conversa era sobre a presença do sentimento religioso na poesia hispano-americana. Ele me disse: “Tenho uma antologia em dois volumes a esse respeito que vou lhe emprestar. Espere que vou à biblioteca para buscá-los”. Fiquei na solidão de seu pequeno gabinete. Observei o armário com as fotos que o acompanhavam. Devem ser pessoas muito queridas e significativas para ele, refleti. Repentinamente, distingui entre elas, emoldurada, uma foto que eu lhe havia dado de presente, de um encontro no qual havíamos sido fotografados juntos.

Fiquei emocionado, em silêncio. Encontrei a resposta à curiosidade do outro dia.

Nessa reunião decidimos fazer este livro.

Embora todo rabino, durante sua formação, sele um compromisso especial com Deus, pois, como mestre da Lei, adquire o dever de ser paradigma dela mais que qualquer outro judeu, uma vez em sua função, deve aos homens o seu compromisso com o Criador. Assim como os profetas, após os momentos de elevação espiritual na solidão, devem retornar às pessoas e ensinar-lhes com base na espiritualidade adquirida. Pois as dimensões espirituais alcançadas individualmente só adquirem sentido, segundo os relatos bíblicos, se servem para ser compartilhadas com muitos.

Embora seja a palavra oral a mais utilizada pelos rabinos, por trás dela sempre se esconde o desafio de polir os termos e transformá-los em escritos. As palavras podem ser riscadas ou distorcidas no tempo. Os conceitos escritos permanecem, documentam e permitem que muitos tenham acesso a eles.

Esses dois ensinamentos me unem ao cardeal Bergoglio. A preocupação — e o tema central de nossas conversas — sempre foi e é o indivíduo e sua problemática. Costumamos antepor a espontaneidade oral à estruturação do escrito. Por isso, organizar em um livro a intimidade de nossos diálogos significou nos unirmos ao próximo, seja ele quem for. Transformar o diálogo em uma conversa com muitos, desnudar nossas almas, aceitando todos os riscos que isso implica, mas profundamente convencidos de que somente o caminho do conhecimento do humano é capaz de nos aproximar de Deus.

O frontispício como espelho

por Jorge Bergoglio

Em um texto, o rabino Abraham Skorka fez referência ao frontispício da Catedral Metropolitana, que representa o encontro de José com seus irmãos. Décadas de desencontros confluem nesse abraço. Ele envolve pranto, e também uma pergunta íntima: meu pai ainda vive? Não sem razão, essa imagem foi posta ali nos tempos da organização nacional:* representava o anseio de reencontro dos argentinos. A cena faz referência ao trabalho para instaurar uma “cultura do encontro”. Várias vezes mencionei a dificuldade que nós, argentinos, temos de consolidar essa “cultura do encontro”; parece que a dispersão e os abismos que a história criou nos seduzem. Às vezes, chegamos a nos identificar mais com os construtores de muralhas do que com os de pontes. Faltam o abraço, o pranto e a pergunta pelo pai, pelo patrimônio, pelas raízes da pátria. Há carência de diálogo.

* A organização nacional argentina compreende o período de 1852 a 1880, aproximadamente, fase em que se deram muitas mudanças fundamentais, como a aprovação da Constituição de 1852, e fatos de suma importância, como a Guerra da Tríplice Aliança, contra o Paraguai, a ampliação da educação gratuita, da rede ferroviária, dentre outros. (N. T.)

É verdade que nós, argentinos, não queremos dialogar? Eu não diria isso. Creio que sucumbimos vítimas de atitudes que não nos permitem dialogar: a prepotência, o não saber escutar, a exasperação da linguagem comunicativa, a desqualificação prévia e tantas outras.

O diálogo nasce de uma atitude de respeito pela outra pessoa, de um convencimento de que o outro tem algo de bom a dizer; implica abrir um lugar em nosso coração para seu ponto de vista, sua opinião e sua proposta. Dialogar implica uma acolhida cordial e não uma condenação prévia. Para dialogar é preciso saber baixar as defesas, abrir as portas de casa e oferecer calor humano.

São muitas as barreiras que no cotidiano impedem o diálogo: a desinformação, a fofoca, o preconceito, a difamação, a calúnia. Todas essas realidades configuram certo sensacionalismo cultural que sufoca toda abertura em relação aos outros. E, assim, ficam travados o diálogo e o encontro.

Mas o frontispício da Catedral ainda está ali, como um convite.

Com o rabino Skorka pude dialogar, e isso nos fez bem. Não sei como começou nosso diálogo, mas posso recordar que não houve muros nem reticências. Sua simplicidade sem fingimento facilitou as coisas, a ponto de eu lhe perguntar, depois de uma derrota do River, se nesse dia ele ia jantar galinha ensopada.*

Quando ele me propôs publicar alguns dos nossos diálogos, o “sim” me saiu espontâneo. Refletindo mais tarde, a sós, sobre a explicação dessa resposta tão rápida, pensei que se devia a nossa experiência de dialogar durante bastante tempo, experiência rica que consolidou uma amizade e que testemunharia nosso caminho juntos, apesar de nossas identidades religiosas diferentes.

Com Skorka nunca tive que negociar minha identidade católica, assim como ele não o fez com sua identidade judaica, e isso não só pelo respeito que temos um pelo outro, mas também porque assim

* *Gallina* [galinha] é o apelido pejorativo dado ao River Plate pelas torcidas adversárias, especialmente a do Boca Juniors. Bergoglio é torcedor do San Lorenzo. (N. T.)

concebemos o diálogo inter-religioso. O desafio consistiu em caminhar com respeito e afeto, caminhar na presença de Deus e procurando ser irrepreensíveis.

Este livro atesta esse caminho. Considero Skorka irmão e amigo, e acredito que ambos, ao longo dessas reflexões, não deixamos de olhar com os olhos do coração esse frontispício da Catedral, tão expressivo e promissor.

Sobre Deus

SKORKA: Faz muitos anos que nos conhecemos e que se criou uma amizade fraternal entre nós. Analisando os textos talmúdicos, encontrei um que diz que a amizade significa compartilhar refeições, momentos, mas, no final, aponta que a real amizade consiste em poder revelar ao outro a verdade do coração. Isso é o que foi se dando através do tempo entre nós. Acredito que, indubitavelmente, a primeira coisa que nos uniu foi — e continua sendo — Deus, que fez nossos caminhos se cruzarem e permitiu que revelássemos um ao outro a verdade de nosso coração. Embora abordássemos diversos temas em nossas conversas habituais, nunca falávamos explicitamente de Deus. Tacitamente, é claro, Ele estava presente. Seria bom começar este encontro, que planejamos deixar como testemunho de nosso diálogo, falando daquele que tanto significa em nossa existência.

BERGOGLIO: Como é boa a palavra *caminho*! Na experiência pessoal de Deus não posso deixar de lado o caminho. Diria que encontramos Deus caminhando, andando, buscando-o e deixando-nos buscar por Ele. São dois caminhos que se encontram. Por um lado, o nosso que O busca, impulsionado por esse instinto que flui do coração. E depois, quando nos encontramos, percebemos que Ele já nos buscava

desde antes, Ele nos antecipou. A experiência religiosa inicial é a do caminho: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei”.¹ É uma promessa que Deus faz a Abraão. E nessa promessa, nesse caminho, estabelece-se uma aliança que vai se consolidando nos séculos. Por isso, digo que minha experiência com Deus se dá no caminho, na busca, em deixar-me buscar. Pode ser por diversos caminhos, o da dor, o da alegria, o da luz, o da escuridão.

SKORKA: O que o senhor diz me remete a diversos versículos bíblicos. Por exemplo, quando Deus diz a Abraão: “Anda na minha presença e sê perfeito”.² Ou quando o profeta Miqueias quer explicar ao povo de Israel o que Deus espera, e então lhe diz: “nada mais do que praticar o direito, gostar do amor e caminhar humildemente com o teu Deus”.³ Sem sombra de dúvida, a experiência de Deus é dinâmica, para utilizar uma palavra que aprendemos em nossas ciências exatas em comum.⁴ Mas, o que o senhor acha que poderíamos dizer ao homem nestes tempos em que o conceito de Deus se encontra tão degradado, surrado, tão maltratado?

BERGOGLIO: O fundamental que se deve dizer a todo homem é que entre em si mesmo. A dispersão é uma ruptura no interior, nunca vai levá-lo a se encontrar consigo, impede esse momento de olhar no espelho de seu coração. Aí está a semente: conter a si mesmo. Aí começa o diálogo. Às vezes, achamos que temos o conhecimento da *verdade*, mas não é assim. Ao homem de hoje eu diria que faça a experiência de entrar na própria intimidade para conhecer a experiência, o rosto de Deus. Por isso gosto tanto do que diz Jó depois de sua dura experiência e de diálogos que não lhe resolveram nada: “Conhecia-te só de ouvido, mas agora viram-te meus olhos”.⁵ Ao homem, digo que não conheça Deus de ouvido. O Deus vivo é o que ele vai ver com seus olhos, dentro de seu coração.

SKORKA: O livro de Jó nos dá um grande ensinamento, porque, em síntese, diz que não podemos entender exatamente como Deus se manifesta nas ações individuais. Jó, que era um homem de justiça, de retidão, quer saber por que perdeu tudo, até sua saúde. Seus amigos

lhe dizem que Deus o castigou porque pecou. Ele responde que, mesmo que tivesse pecado, não era para tanto. Só quando Deus aparece Jó fica tranquilo. Não obtém uma resposta, a única coisa que existe é um sentir do Senhor. Desse relato podemos deduzir várias coisas que marcam minha percepção pessoal de Deus. Primeiro: que os amigos de Jó — que defenderam uma tese que dizia “você pecou, portanto Deus o castigou”, transformando Deus em uma espécie de computador que premia ou castiga — incorreram em arrogância e ignorância. No final do relato, Deus diz a Jó — que tanto recriminava a injustiça que o Criador fez com ele — que interceda em oração por seus amigos,⁶ porque eles haviam falado incorretamente sobre ele. Quem gritou seus pesares aos quatro ventos ao reclamar pela justiça celestial foi visto prazerosamente por Deus. Aqueles que mantinham um discurso esquemático acerca da essência de Deus foram abominados por Ele. Deus, em meu entender, revela-se a nós de um modo muito sutil. Nosso sofrimento no presente poderia ser uma resposta para outros no futuro. Ou talvez sejamos nós uma resposta de algum passado. Honra-se a Deus no judaísmo cumprindo os preceitos revelados por Ele. Sente-se Sua presença por meio de uma busca, como o senhor mencionou, em um caminho que cada um e cada geração devem configurar.

BERGOGLIO: Exatamente. O homem recebe a criação em suas mãos como um dom. Deus lha dá, mas, ao mesmo tempo, lhe impõe uma tarefa: que domine a Terra. Aí aparece a primeira forma de incultura, o que o ser humano recebe, a matéria-prima que deve ir dominando para criar a cultura: transformar uma tora em uma mesa. Mas há um momento em que o homem se excede nessa tarefa, entusiasma-se demais e perde o respeito pela natureza. Então, surgem os problemas ecológicos, o aquecimento global, que são as novas formas de incultura. O trabalho do homem diante de Deus e de si mesmo deve se manter em uma tensão constante entre o dom e a tarefa. Quando o homem fica só com o dom e não faz a tarefa, não cumpre seu preceito e fica primitivo; quando o homem se entusiasma demais com a tarefa, esquece o dom, cria uma ética construtivista: pensa que

tudo é fruto de suas mãos e que não há dom. É o que eu chamo de síndrome de Babel.

SKORKA: Na literatura rabínica, pergunta-se de que foi que Deus não gostou na torre de Babel. Por que deteve a construção confundindo as línguas? A explicação mais simples da leitura do texto é que essas construções que tentavam chegar aos céus eram parte de um culto pagão. Representava um ato de arrogância em relação a Deus. O Midrash⁷ diz que Deus se incomodou porque os construtores da torre se importavam mais em perder um tijolo do que em um homem cair de tamanha altura. Isso é o que acontece hoje, é o jogo entre o dom e a tarefa. O equilíbrio tem que ser exato, o homem tem que progredir, mas para tornar a ser homem. Embora quem semeou e gerou tudo tenha sido Deus, o centro do material e da grande obra divina é o homem. Na realidade que estamos vivendo, importa apenas o sucesso do sistema econômico, e a última coisa que importa é o bem-estar de todos os homens.

BERGOGLIO: O que o senhor disse é genial. Na síndrome de Babel não há somente a postura construtivista; também aparece a confusão de línguas. Isso é típico de situações nas quais há um exagero da tarefa, ignorando o dom, porque, nesse caso, o puro construtivismo leva à falta de diálogo, que, por sua vez, implica a agressão, a desinformação, a exasperação... Quando lemos Maimônides e Santo Tomás de Aquino, dois filósofos quase contemporâneos, vemos que eles sempre começam se colocando no lugar do adversário para entendê-lo; dialogam com as posturas do outro.

SKORKA: De acordo com a interpretação talmúdica, Nimrod era um ditador da Babilônia que mantinha todos oprimidos, e por isso se falava só um idioma, o dele. O tirano impôs construir uma torre que chegasse aos céus para deixar sua marca, e assim, com certa arrogância, estar mais perto de Deus. Não se tratava de uma edificação pensando no homem. O importante não era que todos vivessem bem. O castigo foi que cada um tivesse sua própria língua, por ter construído o que era seu por meio de um único idioma despótico, e não algo universal. Esse relato é incrível e tem uma vigência impressionante.

2

Sobre o Diabo

BERGOGLIO: O Demônio é, teologicamente, um ser que optou por não aceitar o plano de Deus. A obra-prima do Senhor é o homem; alguns anjos não aceitaram isso e se rebelaram. O Demônio é um deles. No livro de Jó é o tentador, aquele que tenta destruir a obra de Deus, o que nos leva à arrogância, à suficiência. Jesus o define como o pai da mentira, e o livro da Sabedoria diz que o pecado entrou no mundo pela inveja do Diabo pela obra-prima de Deus. Seus frutos são sempre a destruição, a divisão, o ódio, a calúnia. E, em minha experiência pessoal, sinto isso cada vez que sou tentado a fazer algo que não é o que Deus me pede. Acredito que o Demônio existe. Talvez seu maior sucesso nestes tempos tenha sido nos fazer acreditar que ele não existe, que tudo se arranja em um plano puramente humano. A vida do homem sobre a Terra é um combate, diz Jó, no sentido de que as pessoas são constantemente postas à prova; ou seja, em uma luta para superar situações e se superar. São Paulo toma isso e o aplica aos atletas, que em determinado estágio têm que se privar de muitas coisas para obter o sucesso. A vida cristã também é uma espécie de atletismo, de luta, de corrida, na qual é preciso que nos desfaçamos das coisas que nos separam de Deus. Além disso, quero apontar que

uma coisa é o Demônio, e outra é demonizar as coisas ou as pessoas. O homem é tentado, mas nem por isso se deve demonizá-lo.

SKORKA: A concepção judaica é imensamente ampla. Dentro da mística existe o que chamam de “o outro sentido”, algo como se existissem forças do mal. Embora na Bíblia apareça essa imagem primitiva da serpente — e que poderia ser interpretada como uma força do mal que incita o homem contra Deus —, no caso do Satã de Jó, assim como do que aparece em Balaão, trata-se mais de hipóstase de Deus. O Satã, no caso de Jó, formula diante do Senhor as dúvidas que emergem em nossa consciência ao ver um homem íntegro que agradece a Deus enquanto não lhe falta nada na vida: se Deus o abençoou com tudo, por que não há de Lhe agradecer? Fará o mesmo na hora da angústia? No caso de Balaão, contratado por Balac para amaldiçoar o povo de Israel,¹ o Satã se colocou em frente a ele para que não transgredisse a ordem de Deus de não aceitar o encargo do rei de Moab. Quando falamos do bem e do mal que se manifestam na criação, há um versículo que é o que mais me convence. Ele aparece no livro do profeta Isaías² e diz que Deus é o fazedor da luz e o criador da escuridão, aquele que faz a paz e cria o mal. É um versículo muito complicado que interpreto comparando à escuridão, que não existe em si mesma, é a ausência de luz. O mal é tirar o bem de uma realidade, não existe em si mesmo. Eu, mais do que de um anjo, prefiro falar do instinto. Não se trata, para mim, de um elemento externo, e sim de uma parte interna do homem que desafia o Senhor.

BERGOGLIO: Na teologia católica também há um elemento endógeno, que se explica pela queda da natureza depois do pecado original. Concordamos no que o senhor chama instinto, no sentido de que nem sempre que uma pessoa faz algo inapropriado é porque foi levada pelo Demônio. Ela pode fazer algo ruim por sua própria natureza, por seu “instinto”, que se potencializa pela tentação exógena. Nos Evangelhos, chama a atenção o fato de Jesus começar seu ministério com quarenta dias de jejum e oração no deserto, e, nesse momento, Satã o tentar com as pedras para que as transforme em pão, com a

promessa de que não lhe acontecerá nada se se jogar do templo, e com o compromisso de que terá tudo que quiser se o adorar. Ou seja, o Demônio se apoia na situação existencial de jejum e lhe propõe uma “saída onipotente”, centrada em si mesmo (uma saída de satisfação, de vaidade e de orgulho), que o afasta de sua missão e identidade de Servo de Iahweh.

SKORKA: Aceitá-lo, em última instância, está no livre-arbítrio de cada indivíduo. Todo o resto são percepções, interpretações que vêm dos textos que consideramos sagrados. O que fica claro é que há algo, seja o instinto, seja o Diabo, que se apresenta a nós como um desafio para dominá-lo, para desterrar o mal. A maldade não pode nos dominar.

BERGOGLIO: Essa é justamente a luta do homem sobre a Terra.

